



PERCEPÇÕES SOBRE A TEMÁTICA DA ACESSIBILIDADE NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: RELATOS DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Eduardo Martins de Arruda [*]

Izabel França de Lima [**]

Maria da Luz Olegário [***]

[*] Doutorando do PPGA/UFPB – ORCID:
<https://orcid.org/0000-0003-3268-4753> – E-
mail: eduardo.arruda73@gmail.com.

[**] Doutora em Ciência da Informação –
PPGCI e PPGOA/UFPB – ORCID:
<https://orcid.org/0000-0003-2701-5432> – E-
mail: belbib@gmail.com.

[***] Doutora em Educação – Departamento
de Habilitações Pedagógicas/UFPB – ORCID:
<http://orcid.org/0000-0002-7359-7202> – E-
mail: daluzprof@gmail.com.

RESUMO

Neste artigo temos como objetivo revelar aspectos subjetivos, como emoções e sentimentos, incu- tidos na fala de estudantes universitários com deficiência. Para tanto, foram convidados dez estudantes com deficiência visual vinculados ao Núcleo de Educação Especial (Nedesp) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para participarem de uma entrevista semiestruturada sobre a temática da acessibilidade dentro da instituição. O material resultante das entrevistas foram conjugados com a pesquisa documental, compondo assim o corpo deste trabalho. A pesquisa caracteriza-se metodologicamente como descritiva e de abordagem qualitativa. As falas dos entrevistados foram analisadas sob a ótica da Análise de Discurso (AD), enquanto instrumento metodológico. Conclui-se que a intersubjetividade presente nas falas dos entrevistados revela aspectos muitas vezes abafados pela trama social, que podem significar ausência de represen- tatividade no meio acadêmico, político e social. Embora cada entrevistado, tenha ressaltado pontos específicos fundamentados na sua experiência na instituição, percebeu-se convergência entre os discursos. Com destaque para sentimentos de insatisfação, desmotivação, que muitas vezes caracterizam-nos como vítimas de segregação social. Por fim, os relatos dos estudantes participantes desta pesquisa reforçam a complexidade da temática acessibilidade que perpassa o contexto universitário.

Palavras-chave: Acessibilidade. Deficiente Visual. Ensino Superior. Análise de Discurso.



INTRODUÇÃO

O presente trabalho está contextualizado dentro do compromisso social que instituições de ensino superior como Universidade Federal da Paraíba (UFPB) tem perante a comunidade. Para Habermas (2002) a “inclusão quer dizer que a coletividade política permanece aberta para aceitar como membros os cidadãos de qualquer origem sem incorporar o outro na uniformidade de uma comunidade do povo homogênea”. O autor ainda considera que os Estados constitucionais democráticos dispõem de formas suficientes de inclusão, sensíveis às diferenças, sejam individuais ou de grupos específicos, no âmbito do Estado-nação (HABERMAS, 2002, p. 134-5).

A inclusão social acontece quando há o processo de ajuste tanto da pessoa com deficiência (PcD) quanto da sociedade. A inclusão social deve ser entendido como algo sempre em construção, passível de aperfeiçoamento e experimentação para melhorar a vida em sociedade (MELLO, 2016). Na literatura há convergência entre diversos autores sobre o potencial transformador das instituições de ensino para as pessoas com deficiência. Ao mesmo tempo que possibilita maior participação social, oportunidades, autonomia, senso de pertencimento, identidade, justiça social, planejamento de carreira profissional; é também nesses espaços que as PcDs percebem com um espaço protetivo e de resiliência (PESSOA & KOLLER, 2020; LIBÓRIO, 2009; CATUSSO, 2007; SANTOS E PESSOA, 2020).

O convívio com a diferença e os relacionamentos baseados na reciprocidade é benéfico para todos os estudantes – com ou sem deficiência (GILLIGAN, 2000). Tendo apresentado o ambiente universitário como um espaço de pluralidade, inclusão e respeito à diversidade, este estudo propõe-se a elucidar informações sobre inclusão e acessibilidade por meio da opinião de estudantes com deficiência da Universidade Federal da Paraíba. Acreditamos que estudos como o aqui proposto, ajudam a entender a realidade local e colabora para o debate social e construção de soluções.

ACESSIBILIDADE

A acessibilidade é frequentemente associada como algo voltado exclusivamente às pessoas que possuem deficiência. Vale enfatizar que o conceito oficial de acessibilidade é



abrangente, pois define o tema como acesso livre e satisfatório a qualquer pessoa, independente da condição de pessoa com deficiência. Considerando também pessoas com alguma limitação temporária ou dificuldade física/motora, perceptiva, sensorial, entre outras. Como, por exemplo, pessoas idosas ou com alguma limitação temporária.

A acessibilidade deve ser entendida como condição de livre acesso a todas as pessoas, e, principalmente às pessoas com deficiência, sendo responsáveis por proporcionar autonomia e mobilidade, fazendo com que esses indivíduos possam usufruir dos espaços com mais segurança, confiança e comodidade. Ainda, conforme o Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004, acessibilidade é:

condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida” (BRASIL, 2004).

Entre os principais tipos de acessibilidade, podemos destacar:

- **Acessibilidade arquitetônica:** Está relacionada ao combate das barreiras físicas encontradas nos mais diversos tipos de edificações sejam no âmbito público como privado, que prejudiquem o acesso das pessoas como dificuldades de locomoção, cadeirantes, etc.
- **Acessibilidade atitudinal:** Representa o combate ao preconceito e a discriminação. A acessibilidade atitudinal incentiva que a inserção da pessoa com deficiência na sociedade ocorra de forma mais natural possível, estimulando o senso de pertencimento e fortalecendo os laços afetivos das PcDs com as demais pessoas. A falta de acessibilidade atitudinal pode ser considerada como uma das barreiras mais graves, manifestando-se através de atitudes paternalista, preconceito, subestimação da capacidade das pessoas com deficiência. Conforme Mello (2016), o capacitismo, expressão que designa o preconceito em relação às pessoas com deficiência, que surge a partir do fato de que no senso comum pressupõe-se que o sujeito com deficiência possui todas as suas capacidades limitadas ou reduzidas, alguém menos capaz.



- **Acessibilidade Comunicacional:** Relacionado à existência de barreiras encontradas nos meios de comunicação, dificultando a comunicação interpessoal. Por exemplo, ausência de legendas em texto e/ou em LIBRAS na programação televisão ou conteúdo multimídia como portais de notícias em vídeos.
- **Acessibilidade Instrumental:** Este tipo de acessibilidade atua em prol de combater as barreiras relacionadas ao design de produtos, utensílios e até mesmo serviços que dificultam o pleno acesso por pessoas com alguma limitação. Como, por exemplo, os artefatos ou instrumentos para realização de atividades profissionais, estudos, lazer e demais atividades corriqueiras.
- **Acessibilidade Programática:** Sua ausência implica em problemas como ausência de leis e normas, falta de políticas públicas, brechas na legislação. Enfim, fatores normativos que acentuem ainda mais a condição de exclusão.
- **Acessibilidade Metodológica:** Trata-se da busca pela minimização de barreiras encontradas em métodos de trabalho, de ensino, de lazer, socialização, entre outros. Envolve aspectos como, por exemplo, preocupação da escola em favorecer um ambiente inclusivo.
- **Acessibilidade tecnológica:** Termo mais abrangente que acessibilidade digital, está relacionada ao combate de qualquer falta de previsão de recursos acessíveis no planejamento de produto ou serviços tecnológicos. Desde equipamentos eletrônicos como os cash bancários ou até mesmo computadores, televisores, vídeos-games e uma gama de outros aparelhos e dispositivos eletrônicos.

Diante do exposto, podemos compreender a questão da acessibilidade dentro das universidades como algo que precisa ser encarado de forma sistêmica e continuada. Ou seja, precisa envolver todos os níveis (estratégico, tático e operacional). Abarcando ações não somente direcionadas aos alunos; mas, também, a professores e demais funcionários e até mesmo ações voltadas para esclarecimento e socialização das PcDs perante à comunidade local.

ACESSIBILIDADE NA UFPB: INICIATIVAS E SETORES ENVOLVIDOS



Nesta seção serão apresentados os principais setores e iniciativas dentro da UFPB, voltados para as demandas de acessibilidade na instituição. Inicialmente, destacaremos a importância do Comitê de Inclusão de Acessibilidade (CIA) por concentrar atualmente questões de ordem administrativa. Entre as principais funções: gerir bolsas, editais de aluno apoiador, disponibilização de aparelhos e recursos assistivos (muletas, cadeiras de rodas, aparelhos auditivos, óculos, etc.) e coordenar políticas de modo geral voltadas para a acessibilidade.

O **Comitê de Inclusão e Acessibilidade (CIA)** da Universidade Federal da Paraíba é uma assessoria especial vinculada diretamente ao Gabinete da Reitoria. Foi criado oficialmente no dia 26 de novembro de 2013, através da Resolução nº 34/2013 do Conselho Universitário (CONSUNI), conforme informações encontradas na página do programa (<http://www.ufpb.br/cia>). O registro das ações do CIA é realizada pelo módulo NEE (Necessidades Especiais) dentro do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA).

Dessa maneira, a instituição consegue ter um panorama mais efetivo do raio de ação sobre o cumprimento das políticas voltadas para as pessoas com deficiência dentro da Universidade. Podemos dizer que o CIA representa a porta de entrada aos alunos com necessidades especiais que ingressam na instituição, desde o ato de matrícula com a validação de laudos médicos até a variada assistência necessária durante a vigência do discente na instituição.

Outro órgão afeto a temática é o **Núcleo de Educação Especial (Nedesp)**, que está diretamente vinculado administrativamente ao Centro de Educação (CE). O Nedesp está voltado para apoio acadêmico de discentes, professores e servidores da UFPB com deficiência visual. Sendo a maior parte do público atendido representado por discentes dos cursos da área de educação e ciências sociais aplicadas.

O Nedesp constitui muito mais que um espaço para adaptação de material das aulas para formato acessível aos alunos. É também um ambiente que promove a socialização, a interação das pessoas com deficiência visual com o entorno universitário e com a sociedade como um todo, através de conversas e esclarecimentos, participação de eventos, projetos de extensão, pesquisas e apoio pedagógico.



Destaca-se também a atuação da **Secção de Inclusão do Usuário com Necessidade Especial** (SIUNE), como mais setor envolvido com a temática acessibilidade dentro da instituição. Este setor surgiu de uma iniciativa da Biblioteca Central, localizada no Campus I, com intuito de proporcionar acervo bibliotecário em Braille para comunidade de deficientes visuais. O acervo se constitui basicamente de livros, artigos, revistas, periódicos, entre outros tipos. Estão impressos em braille e também em material multimedia (áudio books e similares).

Por fim, podemos citar o **Laboratório de Aplicações de Vídeo Digital** (LAVID), atualmente vinculado ao Departamento de Informática. O LAVID possui projetos de referência e de reconhecimento nacional e internacional na área de acessibilidade para conteúdos digitais.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Realizamos, em um primeiro momento, a análise de documentos referentes à política e diretrizes de acessibilidade dentro da instituição alvo deste estudo. De forma concomitante, realizamos também estudo bibliográfico sobre o tema acessibilidade e pessoas com deficiência. Em momento posterior, já fundamentados na literatura, realizamos procedimentos para coleta de dados por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas ocorreram entre os meses de janeiro e março de 2019, com discentes vinculados ao Núcleo de Educação Especial (Nedesp/UFPB).

Para Mainguenau (2015) o discurso oral é uma forma interativa de comunicação e entendimento e afinamento entre interlocutores. De modo que a empatia de um pelo outro vai construindo uma rede própria de enunciações à medida que percebem imediatamente o efeito que suas palavras tem sobre o outro. Ou seja, para o referido autor a natureza do discurso é eminentemente interativa e qualquer enunciação supõe a presença de outra instância de enunciação, em relação à qual alguém constrói seu próprio discurso.

As entrevistas foram realizadas individualmente, sob a companhia do aluno apoiador, para melhor esclarecimento de pontos relatados pelos entrevistados, quando necessário. A análise presente neste estudo também está fundamentada no conjunto de expressões não verbais que pôde nos ajudar a entender os sentimentos e emoções dos entrevistados naquele momento e melhor conduziram o desenrolar da entrevista.



A pesquisa se apresenta metodologicamente como do tipo descritiva. Esse tipo de pesquisa é caracterizado como estudos que procuram determinar opiniões, percepções e sentimentos dos respondentes

Foi utilizado a análise de discurso de linha francesa, como instrumento metodológico, para interpretação dos dados coletados nas entrevistas. Portanto, o pensamento aqui presente está alinhado com autores como Foucault(1999), Pêcheux(2015), Orlandi (1999), Maingueneau(2015), Gregolin(2001).

OPINIÃO DOS ENTREVISTADOS

Ao todo foram dez entrevistados com diferentes limitações visuais e experiências acadêmicas. Conforme apresentados no quadro abaixo:

Quadro 01 – Perfil dos discentes entrevistados

	Idade	Sexo	Tipo de limitação visual	Causa
D1	25	F	Cego	Congênita
D2	48	M	Baixa visão	Glaucoma
D3	25	M	Baixa visão	Retinoide pigmentar
D4	42	M	Baixa visão	Glaucoma
D5	35	F	Cego	Congênita
D6	46	F	Cego	Congênita
D7	32	M	Cego	Congênita
D8	33	M	Cego	Acidente
D9	45	F	Cego	Congênita
D10	23	F	Cego	Congênita

Fonte: Autor, 2019.

Conforme evidenciado no quadro acima, tentou-se buscar heterogeneidade na amostra de participantes. Embora a diversidade dos cursos de origem dos participantes tenha sido considerada na coleta, optou-se por não apresentar aqui de modo a preservar o anonimato dos entrevistados.

Podemos ainda extrair como informação que os participantes podem ser divididos entre aqueles que são cegos desde o nascimento e os que perderam a visão ao longo da vida.



Tal circunstâncias revela mudança na forma como a PcD se percebe perante o mundo. Como melhor retratado na fala do discente D2, vítima de glaucoma, com perda da visão severa nos últimos anos:

“[...] perceber que sua visão está se esvaindo até ficar praticamente cego, depois de você já ter vivido toda uma vida como vidente, ter construído uma carreira profissional, ter tido filhos, etc. É um choque muito grande, sabe?! Pois é como se você fosse arrancado de uma realidade e transplantado em outro mundo. Mundo esse que você tem que aprender do zero, desde a se locomover até reaprender a usar o computador.”

Através da fala de D2 percebemos a carga emocional embutida através da manifestação do impacto entre realidade atual e o passado. Configura-se como um discurso frequente naquelas pessoas que sofreram limitações visuais já depois de adulto. Dessa forma, expõe um sentimento de enunciação aforizante em que o agente discursivo se coloca enquanto sujeito assujeitado a uma determinada condição, a qual nem sempre consegue compreender ou explicar em sua totalidade.

Passa, então, através de seu discurso a ser identificado por semelhança a outros discursos e se enquadra em grupo com características similares. Em alguns casos pode até mesmo lhe imputar sentimento de punição ou desmerecimento como causa da perda da visão. Há ainda parte dos casos em a PcD apenas demonstram sentimento de resignação ao fato vivenciado e não procura culpa e nem culpados, apenas procura superar as dificuldades e limitações do dia a dia.

De forma complementar, o relato de D8 é marcado por referências pessoais, temporais e espaciais muito significativas para o contexto analisado. Mas, antes, é necessário explicarmos que o entrevistado foi vítima de um sério acidente de automóvel há alguns anos atrás e que permaneceu algum tempo em coma na UTI. Como sequela do acidente, além de cicatrizes, permanece com o quadro de deficiência múltipla (visual, motora, cognitiva), segue trecho da entrevista com D8:



“[...] acho que para nós que estávamos acostumados a enxergar tudo e de repente ficar cego, sem mobilidade e com dificuldades para falar e pensar. É inevitavelmente pensar toda hora e todo dia no sentimento de perda, do que fomos e do que não somos mais....Mas também é saber que estamos vivos e que podemos lutar por uma vida melhor e mais digna em que as pessoas tenham mais respeito à nossa condição”.

O discente D4, que também perdeu a visão após adulto, ressaltou em sua fala a questão da fase de transição e dificuldade de aprender a nova realidade:

“[...] é muito mais difícil aprender o Sistema Braille ou realizar atividades como usar o computador, pois inicialmente somos sempre tentados a usar da forma como usaríamos quando enxergávamos, mas sabemos que não vai funcionar, neh?! Como, por exemplo, tentando navegar pelo mouse, porém sem muito sucesso...Nós que se tornamos cegos, podemos até aprendermos a conviver com o problema, mas passamos por um processo de transição muito difícil e temos que aprender com o tempo a desenvolver outros sentidos. Além disso, considero que no meu caso ter o apoio incondicional da minha família e a presença dos meus amigos por perto, me deram forças, que eu nem imaginava que tinha para passar por tudo isso...”

Levando em consideração o relato anterior, podemos considerar que o sujeito do discurso se percebe dentro de um grupo social (grupo das pessoas que perderam a visão) e reflete a condição desse grupo no seu discurso quando fala “passamos por um processo de transição”. Em relação a percepção de cada entrevistado sobre o tema acessibilidade dentro da UFPB, percebemos que a maior parte das respostas enfatizaram problemas relacionados à falta de algum tipo de acessibilidade juntamente com críticas à administração da instituição. Houve ainda sugestões e outros questões pontuais. Dessa forma, estabelecemos cinco categorias de comentários, apresentadas a seguir:



Quadro 02 – Comentários relacionados à comunicação e gestão

Comentários:

1. “[...] No entanto, considero que a questão da acessibilidade deve ser um assunto de âmbito geral da gestão e deve estar presente em todas ações da UFPB, através de uma comunicação integrada e harmônica entre os vários setores responsáveis”.
2. “Acho que a UFPB precisa melhor integrar os setores, núcleos e projetos que trabalhem com acessibilidade. Parece que os setores atuam de forma isolada, parece que não há conversa entre eles, prejudicando os alunos e aumentando a burocracia. Veja o caso da PRAPE, CIA e coordenações de curso, tudo poderia ser mais fácil, não acha? Já tive muitas dificuldades e burocracia no processo de solicitar aluno apoiador para mim. Sem falar que o processo seletivo para aluno apoiador só acontece bem depois do início das aulas. O que gera maior dificuldade para os alunos ingressantes na instituição, pois ainda não há apoiador definido para a gente.”
3. “Acredito que um dos principais problemas ligados ao tema está relacionado principalmente a forma como as autoridades e gestores tratam o tema dentro da instituição. Falta comprometimento por parte da gestão. Penso ainda que a mudança maior deve surgir por parte dos gestores.”
4. “[...] Aqui mesmo na UFPB já foram realizadas algumas pesquisas sobre o tema, mas não mudou muita coisa, viu!... Pois percebo que não basta ter o interesse por parte de alguns alunos e pesquisadores, precisa de um compromisso de verdade por parte dos gestores, fazendo do assunto ser uma das prioridades”.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Os comentários presentes no quadro acima refletem o pensamento dos entrevistados que os problemas ligados à falta de acessibilidade podem estar diretamente relacionados, através de suas experiências vivenciadas no ambiente acadêmico, à forma como os gestores encaram o assunto e tornam ou não como prioridade na instituição. Podemos então depreender das falas dos entrevistados que o discurso deles está contextualizado e inserido dentro da particularidade deles, enquanto sujeitos da ação. Além disso, as falas dos discentes não nos permite extrapolar outros campos de sentido que não sejam o da acessibilidade.

Segundo Mainguenau (2015), o discurso é contextualizado, assumido por um sujeito. Ou seja, o discurso é assumido no bojo de um interdiscurso. Outros autores da análise de discurso também consideram que qualquer enunciação é dominada por um interdiscurso que a atravessa sem que ela se dê conta disso. Gonçalves (2019) corrobora que a inserção de estudantes com deficiência no ensino superior, por si só, já é uma forma de luta e reivindicação de direitos, pois favorece a implantação de políticas públicas e a acessibilidade.



Quadro 03 – Comentários relacionados à comparação de cenários

Comentários:
<ol style="list-style-type: none">1. <i>“Penso que a UFPB tem parcialmente conseguido atender as demandas de acessibilidade. Por exemplo, percebo a importância do Comitê de Inclusão e Acessibilidade (CIA) na vida de alunos com eu, que precisam de empréstimos de equipamentos assistivos e principalmente e através do gerenciamento de processos seletivos para alunos apoiadores.”</i>2. <i>“Fazendo um balanço geral do assunto, considero que a UFPB tem progredido em alguns pontos. Porém ainda tem muito que se melhorar. Mas esse problema é mais geral do que a gente imagina e tem suas causas na própria sociedade”.</i>3. <i>“[...] a UFPB parece ainda não estar completamente preparada para atender a essa realidade...”.</i>4. <i>“Percebo o problema não apenas como algo específico da UFPB, mas como algo comum às outras instituições de ensino superior da qual tem tido conversado com o pessoal...”.</i>5. <i>“No que diz respeito ao tema acessibilidade considero que a UFPB tem evoluído a passos lentos e ainda tem muita coisa a ser melhorada”.</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Por meio dos comentários do quadro acima podemos perceber que ao pedir para os entrevistados fazerem um balanço geral de como encaram a acessibilidade na instituição, comentários mais amenos e subjetivos foram relatados. Nesse sentido, temos como exemplo o segundo comentário. Nele, o discente expressa até certo reconhecimento da evolução do assunto na instituição e até atribui parte do problema a uma causa fora do domínio da UFPB. Ou seja, a sociedade como um todo. Este relativismo pode, em alguns momentos, até ser mais específico, como no comentário 4, em que pondera-se o fato como de ocorrência pertinente a outras instituições de natureza similar.

Por fim, vale frisar que no primeiro comentário ainda há destaque por parte do entrevistado para atuação do CIA (Comitê de Inclusão e Acessibilidade) como um setor que tem trazido benefícios significativos para os estudantes com deficiência.



Quadro 04 – Comentários relacionados à acessibilidade atitudinal

Comentários :

1. *“Existe muita desinformação das pessoas em relação às pessoas com deficiência. Muitas pessoas não acreditam ou não fazem ideia que é possível ter uma vida normal igual a de todo mundo, entende!?”.*
2. *“Muitas pessoas simplesmente ignoram o outro a todo momento. Falta cidadania, falta dignidade e solidariedade... É como se as pessoas se isentasse de tratar dessa questão coletiva e fizesse de conta que nós não existimos ou até um dia terem que lidar diretamente com alguém na família com deficiência”.*
3. *“Percebo que muitas pessoas tentam nos evitar e não querem muita amizade ou até mesmo subestima nossa capacidade, nossa inteligência. Quando não é isso, agem como se fossemos coitadinhos... Muitas vezes fico na parada de ônibus, esperando um tempão, até que alguém resolve ajudar”.*
4. *“Eu acho que a principal barreira de acessibilidade está na cabeça das pessoas, ou seja, acredito que por mais que a UFPB venha a avançar em acessibilidade em diferentes áreas, ainda sim encontrará grande resistência se as pessoas não mudarem a forma de pensar e se relacionar com a pessoa com deficiência”.*

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Através dos comentários transcritos no quadro 04, podemos inferir que para muitas pessoas o preconceito e a indiferença para com o outro é a parte mais difícil de estar na condição de PcD e não a própria limitação física ou cognitiva em si. Os comentários dos entrevistados reforçam o direito das pessoas com deficiência terem uma vida normal, igual a de qualquer outra pessoa. Sendo a deficiência apenas uma característica e não um delimitador de sua felicidade.

Comentários como os aqui transcritos revelam que as pessoas enquanto seres sociais precisam se comunicarem e relacionarem uma com as outras. Necessitam expor seus sentimentos, indignações, problemas, compartilhar coisas boas e percepções diante do mundo que as circunda. Nesse sentido, os últimos comentários da categoria reforçam a situação das pessoas com deficiência como um grupo minoritário, muitas vezes a margem da sociedade e que sofrem por não serem “percebidos” pela teia social. Além disso, terem dificuldades de representação em certos “lugares sociais” como política e dentro do próprio meio acadêmico. O pensamento enfatizado pelos entrevistados é que a principal mudança deve primeiro ser no âmbito comportamental das pessoas para só então compreender o sentido da palavra inclusão social.



Quadro 05 – Comentários relacionados à acessibilidade arquitetônica

Comentários:

1. *“Devido à grande extensão do Campus I, seria interessante se houvesse um painel em Braille, em cada prédio ou na entrada de cada Centro da UFPB. De modo que facilitasse a localização das pessoas cegas e com baixa visão. Além da colocação de piso tátil e totem em braille com o mesmo fim nas principais áreas coletivas”.*
2. *“Acho que para muitas pessoas, a acessibilidade se resume a rampas, indicações de vagas em estacionamento...Porém, se esquecem de todo resto a ser pensado, não é?”.*
3. *“Meu sonho como estudante era que a UFPB tivesse mais piso tátil em boa parte dos locais, além da sinalização e mapa dos lugares em braille. Pena que essa é uma realidade que me parece distante. Mas seria muito bom e poderia dar maior dignidade e autonomia a muitas pessoas cegas.”*
4. *“[...] Outra coisa que não é pensada é a distribuição de salas para turmas com alunos cegos ou cadeirantes. Muitas vezes tive que cursar cada aula do período em salas diferentes e distantes, além de aulas no primeiro andar, com escadas, sem nem terem corrimão. Até que então tive que buscar meus direitos na lei e pedir uma solução por conta da coordenação do curso. É muito triste saber que temos que apelar pra lei para termos nossos direitos respeitados.”*
5. *“Falta acessibilidade na estrutura física da UFPB, falta sinalização e orientação para a pessoa com deficiência visual da UFPB.”*
6. *“Gostaria de comentar mais sobre a falta de acessibilidade arquitetônica na UFPB, desde aos aspectos mais perceptíveis como rampas e piso tátil, até detalhes que nos fazem falta como banheiros mais acessíveis para cegos, sinalização nos corredores, indicação tátil em braille nas portas e tudo mais. Seria interessante que a UFPB olhasse atentamente as normas técnicas sobre o assunto e tornasse isso uma realidade”.*

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Os comentários acima refletem a abrangência da acessibilidade arquitetônica indo muito além que vagas reservadas a deficientes ou rampas de acessos a prédios. Podemos perceber que cada deficiência possui particularidades próprias que podem ser atendidas, muitas vezes, com medidas simples como sinalização em Braille e piso tátil.

Vendramin (2019) alerta que “o discurso da acessibilidade corre o risco de virar um estereótipo. A acessibilidade é ainda entendida e reconhecida apenas, ou mais predominantemente, na sua dimensão arquitetônica”.



Através dos trechos anteriormente transcritos das entrevistas, fica evidenciado que o discurso para AD constrói socialmente o sentido e está sempre marcado por interesses. Nesse sentido, temos trechos que reforçam atitudes voltadas para acessibilidade como algo distante e até utópico, como o presente no comentário 1. Já no comentário 4, por exemplo, a oportunidade de se expressar é manifestada pelo entrevistado como uma indignação perante a desatenção das coordenações de curso ao desconsiderar a presença de pessoas com necessidades especiais, na atribuição do local das aulas. Ou, ainda, no comentário 6, percebemos que o discurso é marcado pelo sentimento de reivindicação de direitos e pedido explícito de atendimento de demandas que muito podem ajudar às pessoas com limitações visuais.

Quadro 06– Comentários relacionados à acessibilidade metodológica

Comentários:
<p>1. <i>“Estou terminando pedagogia e lamento que assuntos como acessibilidade e inclusão da pessoa com deficiência ainda seja tão pouco presentes nos conteúdos programático, que vemos em sala de aula. Mesmo quando são abordados, percebe um distanciamento entre a teoria e o que é realmente concretizado no dia a dia”.</i></p> <p>2. <i>“ [...] Até mesmo dentro dos cursos, que deveriam dar o exemplo, é possível perceber atitudes de professores que não se preocupam em ser canal para educação inclusiva como se preocupar com acessibilidade dos conteúdos e atividades em sala. Por exemplo, já tive professores que passava conteúdo de vídeo nas aulas sem ter versão áudio-descritiva. Mesmo sabendo que eu e um colega éramos cegos. E então meu apoiador ficava todo tempo narrando o que estava acontecendo para gente, sinto uma situação meio de constrangimento, entende?! Não precisamos passar por isso, bastava que tivesse um áudio descrevendo... Além de várias outras situações que passaria um dia aqui falando....”</i></p> <p>3. <i>“ [...] Gostaria que os professores estivessem mais bem preparados para lidar com a questão. Quase sempre os professores não querem nem saber se tem alunos com alguma deficiência na sua turma e nem como podem nos ajudar.”</i></p>

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

O estudo realizado Hadjikakou et al. (2010) corrobora para o fato que os docentes não estão plenamente capacitados para lidar com alunos com deficiência. Por estes comentários podemos inferir que, em geral, assuntos como inclusão social, direitos da pessoa com



deficiência precisam ser melhor debatidos com caráter mais prático dentro das universidades. É notável uma dissonância entre o falado e o praticado no dia a dia, como se fossem mundos separados.

Para Orlandi (2015) essa dissonância entre discurso e prática pode estar relacionada às condições em se produzem os discursos e os interesses envolvidos por aqueles que enunciam o discurso e para quem o discurso é direcionado ou ainda o que é visado através do discurso. De uma outra forma, seria necessário entendermos o fenômeno da teoria pela teoria por parte de alguns docentes e outros papéis dentro do meio social, até que pontos estes poderiam estar engajados com atitudes e ações voltadas para acessibilidade e fins práticos na vidas das PcDs.

Quadro 07 – Comentários relacionados à acessibilidade digital

Comentários:

1. “ [...] *Pela experiência que tenho em funções de representação dos interesses das pessoas cegas, percebo indispensável a criação de uma comissão de acessibilidade no SIGAA com o pessoal da Superintendência de Tecnologia da Informação e representantes dos alunos com deficiência, que possua calendário definido de reuniões periódicas de forma a estabelecer um canal de comunicação e validação das melhorias realizadas*”.
2. “ [...] *E o sistema acadêmico - o SIGAA da UFPB?! Meu Deus do Céu... Não parece nada acessível... Nunca consigo acessar sozinha através do leitor de tela, sempre preciso da ajuda de um colega ou do meu apoiador...*”
3. “*Sinto muita dificuldade quando vou acessar o material postado nas aulas, acredito que deveria haver uma preocupação maior dos professores ao postarem material que já estivessem em condições de serem lidos pelo leitor de tela. É como se os professores resistissem a aceitar à nossa condição de pessoa com deficiência...*”
4. “ [...] *Poxa! Queria muito que o SIGAA fosse mais acessível, que pudéssemos realizar nossas atividades com mais independência, sem precisar sempre de tá pedindo a uma pessoa vidente, muitas vezes confiando nossa senha e nossos dados pessoais.* “

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

No primeiro comentário do quadro acima, percebemos que o enunciador do comentário assume a posição de sujeito do discurso e valida seu posicionamento baseado em experiências passadas. Dessa forma, é notável seu posicionamento quanto a necessidade de melhorias na acessibilidade do sistema digital adotado na instituição. Pensamento corroborado pelos comentários seguintes que revelam sentimento de insatisfação e até



frustração no uso do SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas) da UFPB. Por sua vez, reforçam o sentimento dos entrevistados que não há uma preocupação adequada no tocante às questões ligadas aos diferentes tipos de acessibilidade dentro da instituição.

No caso do SIGAA e outros artefatos tecnológicos presentes na rotina dos estudantes da UFPB, configuram-se como soluções voltadas para facilitar a vida de estudantes, professores e demais envolvidos e interessados ao contexto acadêmico. Vale atentar que para Orlandi (2015):

Uma outra face da demanda social, cuja importância é considerável; produzir (um produto técnico), é sempre produzir para alguém; em outros termos, a demanda que emana das relações sociais de uma só vez, não somente a produção do objeto, mas também a maneira pela qual ele será consumido, de tal forma que podemos dizer: as condições de existência do produto técnico são também o seu destino (ORLANDI, 2015, p. 35).

Nesse sentido, podemos pensar que sistemas, sites, aplicativos e qualquer outro meio voltado para comunidade acadêmica deve-se atender satisfatoriamente aos requisitos de acessibilidade e usabilidade, respeitando a gama de limitações e dificuldades possíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou uma dissonância entre a teoria e prática da temática acessibilidade dentro da Universidade Federal da Paraíba. Desse modo, embora haja referência ao tema acessibilidade nas diretrizes institucionais, regimentos e planos institucionais e até mesmo nas bases curriculares de alguns cursos. Sob o julgo dos discentes entrevistados, há desconhecimento e inadequação da comunidade acadêmica aos direitos das pessoas com deficiência.

Com intuito de melhor compreender o fenômeno aqui apresentado, no decorrer deste artigo, elencamos alguns dispositivos legais e considerações sobre acessibilidade e pessoa com deficiência (PcD). Além disso, ressaltamos aspectos da inserção e permanência da PcD no ambiente acadêmico. Em seguida, enfatizamos os principais setores e iniciativas



relacionadas a temática da acessibilidade na UFPB e sua implicância na vida dos discentes com deficiência.

O relato dos discentes participantes mostraram um campo que precisa ser continuamente explorado: como a acessibilidade é percebida por quem vivencia o fato na condição de PcD dentro do ambiente universitário. Nesse sentido, os discentes relataram que embora hajam vários tipos de dificuldades encontradas no dia a dia como barreiras físicas, comunicacionais, metodológicas e tecnológicas, entre outras, o pior tipo de desafio para quem é deficiente é a segregação social e falta de empatia por parte das pessoas. Muitos relataram sentirem-se como seres invisíveis e minimamente representado dentro da instituição.

Os resultados da pesquisa corroboram com a literatura sobre a teoria da visibilidade-invisibilidade e hipervisibilidades das pessoas com deficiência. Para Koppers (2004), a hipervisibilidade ocorre quando apenas é considerada a deficiência e não a pessoa em sua totalidade. Já a invisibilidade é ignorar a diferença, necessidade ou presença do outro. A hipervisibilidade e (in)visibilidade operam como opostos complementares que reduzem pessoas com deficiência a estigmas historicamente e socialmente construídos.

Outro fato relevante é que para alguns entrevistados o fenômeno da falta de acessibilidade é complexo e não se delimita ao ambiente universitário. Tendo suas raízes na própria sociedade, na forma como as pessoas são educadas e preparadas para lidar com o diferente, com as dificuldades alheias.

Por fim, concluímos que conforme Mainguenu (2015) “o discurso é uma forma de ação sobre o outro e não apenas uma mera representação do mundo, os discursos são também marcados por interesses”. O autor defende a ideia que o ato de trazer o tema para debate é socialmente transformador, pois coloca em evidência o que ainda pode não ser percebido por muitos. A análise de discurso aqui proposta se posiciona em prol dos direitos das pessoas com deficiência e sua jornada dentro do ensino superior.

As análises neste artigo não têm o intuito de dar por exauridas todas as possibilidades discursivas sobre o caso concreto investigado. Pelo contrário, acreditamos que outros agentes precisam também ser analisados, diferentes pontos de vista podem e devem ser confrontados. Afirmamos que o escopo desse trabalho foi dar voz aos estudantes com deficiência, incentivando o debate e abrindo portas para novas discussões. E, assim, contribuir para resolução de problemas no tocante à acessibilidade no contexto da UFPB.



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004/2006/2004/Decreto/D5296.htm> Acesso em: 03 nov. 2022.

GONÇALVES, A. M. A relação da escolarização e os efeitos para a escolha do projeto de vida de estudantes surdos. **Educação em Perspectiva**, 2019.

HABERMAS, J. **A inclusão do outro**: estudos de teoria e política. São Paulo: Loyola, 2002.

HADJIKAKOU, K.; POLYCARPOU, V.; HADJILIA, A. **The Experiences of students with mobility disabilities in Cypriot Higher Education Institutions: Listening to their voices**. *International Journal of Disability, Development and Education*, v. 54, n. 4, p. 403-426, 2010.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Tradução Sírio Possenti. - 1 ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MELLO, A. G. de. **Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC**. *Ciência & saúde coletiva*, v. 21, p. 3265-3276, 2016.

KUPPERS, P. **Disability and contemporary performance: bodies on edge**. Cornwall: TJ International, 2004.

VENDRAMIN, C. Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo. **Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos**, 2019.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas (SP): Pontes; 1999.

PERCEPCIONES SOBRE EL TEMA DE ACCESIBILIDAD EN EL ENTORNO UNIVERSITARIO: INFORMES DE ESTUDIANTES CON DISCAPACIDAD VISUAL

ABSTRACT

In this article we intend to reveal subjective aspects, such as emotions and feelings, instilled in the discourse of university students with disabilities. For this, ten visually impaired students linked to the Special Education Center (Nedesp) of the Federal University of Paraíba (UFPB) were invited to participate in a semi-structured interview on the subject of accessibility in the institution. The material resulting from the interviews was combined with the documentary research, thus composing the body



of this work. The research is methodologically characterized as descriptive and with a qualitative approach. The speeches of the interviewees were analyzed from the perspective of Discourse Analysis (DA), as a methodological instrument. It is concluded that the intersubjectivity present in the interviewees' speeches reveals aspects that are often muffled by the social fabric, which can mean a lack of representation in the academic, political, and social spheres. Although each interviewee highlighted specific points based on her experience at the institution, there was some congruence and convergence between the discourses. With emphasis on feelings of dissatisfaction, demotivation, which often characterize us as victims of social segregation. Finally, the reports of the students participating in this research reinforce the complexity of the issue of accessibility, which pervades the university context..

Keywords: Accessibility. Visually impaired. Higher level education . Speech analysis.

PERCEPCIONES SOBRE EL TEMA DE ACCESIBILIDAD EN EL ENTORNO UNIVERSITARIO: INFORMES DE ESTUDIANTES CON DISCAPACIDAD VISUAL

RESUMEN

En este artículo pretendemos revelar aspectos subjetivos, como emociones y sentimientos, inculcados en el discurso de los universitarios con discapacidad. Para ello, diez estudiantes con discapacidad visual vinculados al Centro de Educación Especial (Nedesp) de la Universidad Federal de Paraíba (UFPB) fueron invitados a participar de una entrevista semiestructurada sobre el tema de la accesibilidad en la institución. El material resultante de las entrevistas se combinó con la investigación documental, componiendo así el cuerpo de este trabajo. La investigación se caracteriza metodológicamente como descriptiva y con un enfoque cualitativo. Los discursos de los entrevistados fueron analizados desde la perspectiva del Análisis del Discurso (AD), como instrumento metodológico. Se concluye que la intersubjetividad presente en los discursos de los entrevistados revela aspectos muchas veces amortiguados por el tejido social, lo que puede significar falta de representación en el ámbito académico, político y social. Si bien cada entrevistado destacó puntos específicos a partir de su experiencia en la institución, hubo cierta congruencia y convergencia entre los discursos. Con énfasis en los sentimientos de insatisfacción, desmotivación, que muchas veces nos caracterizan como víctimas de la segregación social. Finalmente, los relatos de los estudiantes participantes de esta investigación refuerzan la complejidad del tema de la accesibilidad, que impregna el contexto universitario.

Palabras clave: Accesibilidad. Deficiente visual. Enseñanza superior. Análisis del habla.

Submetido em: 03 de outubro de 2020.

Aprovado em: novembro de 2022.

Publicado em: dezembro de 2022.